

MAYNARD, Douglas W. *Placement of topic changes in conversation*. Semiotica, 1980, 30 – 3/4, 263-290.

EDSON ROSA F. DE SOUZA*
(UNICAMP)

A ciência lingüística não se resume apenas ao estudo de questões lingüísticas calcadas na língua escrita. É com base nessa premissa que surgiram na década de 70 os primeiros estudos sobre o funcionamento e a organização de conversações espontâneas e, assim, da língua falada como um todo. Nesse período da história, pesquisadores de várias áreas concluíram que o estudo de estruturas lingüísticas poderia ser frutiferamente realizado levando-se em consideração o contexto em que tais estruturas são usadas, que foi, aliás, o viés de análise acatado por inúmeros sociólogos da época – entre eles Douglas Maynard, uma vez que o estudo da língua falada deixava também transparecer o modo de interação social entre os falantes da língua.

Unidos por um mesmo interesse, Jefferson, Schegloff & Sacks desenvolveram, no ano de 1974, uma linha de investigação lançada nas páginas da revista *Language*, com o trabalho fundador de Sacks *et alii* sobre a *tomada de turnos na conversação*¹. Nesse trabalho, citado até hoje nos livros de Lingüística Textual, os autores buscaram definir o turno como a unidade primária de análise no estudo de interações face-a-face.

Considerado um dos principais representantes dessa linha de investigação – voltada para questões de língua falada – Maynard escreveu uma infinita gama de artigos e livros sobre os mistérios que envolvem o rico universo da língua falada, há tanto esquecida pelos especialistas da linguagem. Sua atuação dentro da Sociologia engloba os subcampos da etnometodologia e da análise de conversação. Segundo palavras de Maynard, as pessoas frequentemente lhe perguntam: “o que é etnometodologia?” e ele, sem ter outra escolha, diz não poder definir muito bem o que é etnometodologia sem que elas tenham assistido a pelo menos um de seus seminários sobre o tema. No entanto, em razão do apreço pelo leitor de suas obras, o autor diz que tal linha de pesquisa está basicamente preocupada com a interação face-a-face, especialmente com as práticas de comunicação que os participantes empregam, ao utilizar seus corpos e suas falas para interagirem no ambiente social em que se encontram.

Atualmente, Douglas Maynard é Professor assistente no Departamento de Sociologia da Universidade de Wisconsin-Madison, Estados Unidos. Na área de ensino, Maynard atua nos cursos sobre linguagem e interação social (análise de conversação) e etnometodologia, bem

* O autor é doutorando em Lingüística do programa de pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP/IEL, sob a orientação da Profa Dra Ingedore Grunfeld Villaça Koch. Como pesquisador, o autor participa ainda do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), sediado na UNESP de São José do Rio Preto, que é coordenado pela Profa Dra Erotilde Goreti Pezatti.

¹ Para maiores informações, consultar: Sacks, H., Schegloff, E. A., Jefferson, G. (1974). A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, 50, 696-735.

como na psicologia social, com amplos interesses em teoria, metodologia, ciência e estudos de tecnologia. Dentre as tarefas, Maynard investigou as estruturas de conversas tópicas, discussões em situações legais, entrevistas em cenários voltados para educação e pesquisa, encontros médicos, e outras arenas sociais. Um de seus projetos de longo prazo intitulado *Bad News, good news: Conversational order in everyday talk and clinical settings* (Chicago, University of Chicago Press, 2003) analisa as “boas” e “más” notícias e a maneira como tais informações são divulgadas e recebidas nos mais diferentes cenários sociais, especialmente no campo da medicina.

Um outro projeto de Maynard, que envolveu a colaboração de Nora Cate Schaeffer, Hanneke Houtkoop-Steenstra e Hans van der Zouwen, resultou na publicação de *Standardization and tacit knowledge: Interaction and practice in the survey interview* (New York: Wiley Interscience, 2002). Juntos, os autores, em especial Schaeffer e Maynard, vêm estudando aspectos interacionais de caráter cognitivo em entrevistas, envolvendo especificamente os Estudos Longitudinais de Wisconsin. Recentemente, com a ajuda do Professor John Heritage (Universidade da Califórnia), o autor co-editou um livro sobre comunicação na medicina de primeiros socorros.

Entre os artigos publicados em revistas, vale destacar *Interaction and Asymmetry in Clinical Discourse* (American Journal of Sociology, 1991), *On the functions of social conflict children* (American Sociological Review, 1985) e *Placement of topic changes in conversation* (Semiotica, 1980). As questões que apresentaremos aqui dizem respeito a um dos primeiros artigos de Maynard, publicado em 1980 na revista *Semiótica*, que, por conta de sua natureza inovadora, serviu de base para pesquisadores de vários outros países, como por exemplo, para Luiz Antônio Marcuschi, Ingedore Koch, Leonor Fávero, Luiz Carlos Travaglia e Zilda Aquino, do Brasil.

O artigo *Placement of topic changes in conversation*, escrito numa linguagem simples e esclarecedora, traz uma análise de como ocorrem as mudanças de tópico na conversação, a fim de evidenciar, tal como concebemos nos dias atuais, que a conversação (língua falada de modo geral) é uma atividade estruturalmente organizada, e não um caos lingüístico como se pensava anteriormente. Maynard segue esse bordão, procurando mostrar em seu texto que há lugares e momentos ideais inclusive para troca de turnos e mudanças de tópico. Conforme o autor, essas ações não ocorrem aleatoriamente; os participantes deixam sempre marcas durante a atividade verbal do que estão fazendo e do que pretendem fazer, assim como deixam marcas de quando não entenderam alguma informação ou de quando não estão muito interessados no tópico conversacional em questão. É baseado nessas observações que Maynard (1980) diz que as conversações são geralmente caracterizadas por ter um ou mais tópicos.

Para o autor, uma noção comum, frequentemente compartilhada por profissionais da área, é a de que tópico na conversação é sobre o que se fala. Por exemplo, Watson & Potter (1962 *apud* Maynard, 1980) declaram que “cada episódio da conversação possui um foco de atenção; algo sobre o que se fala”. Como consequência, os trabalhos anteriores que situaram a topicalidade na conversação trataram-na como uma questão de conteúdo. No entanto, conforme Maynard, estudos mais recentes em análise da conversação sugerem que a topicalidade é muito mais que uma questão de conteúdo: trata-se de uma realização de falantes, algo organizado e produzido de modos padronizados que podem ser descritos. Por isso, prefere acreditar na idéia de que a estruturação tópica é mais bem compreendida caso o contexto de interação seja também considerado, haja vista que “aquilo sobre o que se fala”, na opinião de Garfinkel (1967 *apud* Maynard, 1980), não pode ser desvinculado do modo “como se fala”.

Assim sendo, a topicalidade surge, no texto de Maynard², como um princípio organizador da conversação, tornando-se desse modo passível de descrição. As unidades discursivas, como ressaltam hoje muitas teorias sobre o discurso, distribuem-se linearmente e hierarquicamente no texto, por meio de relações explícitas e inferíveis com relação ao discurso subsequente (enunciados posteriores), sendo ainda estas unidades responsáveis por atualizar as propriedades do tópico. Além disso, Sacks *et alii* (1974 *apud* Maynard, 1980) sugerem que um falante regularmente demonstra entender, por meio de marcas lingüísticas ou extralingüísticas, aquilo se falou anteriormente durante o processo de interação. Segundo Schegloff & Sacks (1974), isso ocorre porque os falantes buscam ajustar suas falas atuais ao enunciado anterior do falante/ouvinte. Reafirmando, então, a idéia expressa no parágrafo anterior, para Maynard, a topicalidade não pode ser entendida apenas como uma questão de conteúdo, pelo fato de se tratar de um fenômeno que é, em grande parte, constituído a partir dos procedimentos que os falantes utilizam para demonstrar que compreenderam o assunto em questão e também para realizar o ajuste do próprio turno com o turno anterior.

Algo que ainda hoje é bastante problemático nos diversos trabalhos sobre o tema, talvez por confusões que se fazem com os rótulos, e que, por sua vez, é bastante positivo no texto de Maynard, é a definição de tópico. Alguns estudos trazem definições que misturam aspectos discursivos com aspectos sentenciais, causando confusões que Maynard consegue resolver ao dizer que tópico é um processo discursivo que envolve colaborativamente os participantes da interação na construção da conversação. Trata-se de uma questão que, a nosso ver, a Gramática Funcional de Simon Dik também parece resolver. Para Dik, não se pode confundir tópico sentencial, oriunda da famosa estrutura conhecida por tópico/comentário, com tópico discursivo, que se define numa outra dimensão de análise e que leva em conta uma série de relações que se estabelecem entre orações, a fim de proporcionar a manutenção do tópico escolhido pelos participantes.

Entretanto, Maynard chama a atenção dos leitores ao mencionar que, embora os turnos conversacionais estejam relacionados a enunciados anteriores, há, segundo ele, casos em que o enunciado corrente pode não evidenciar nenhuma relação com enunciados anteriores. Quando isso acontece, o que se tem são as chamadas mudanças de tópico, que, a título de explicação, se caracterizam por instaurar uma quebra no seqüenciamento dos turnos tecidos até então e também por inserir novos referentes.

Para o autor, que apontou novos caminhos para uma série de fenômenos lingüísticos, as mudanças de tópico – ao contrário do que muitos pensavam – não ocorrem ao acaso. De acordo com Maynard, as mudanças de tópico ocorrem em lugares específicos e de maneiras bastante caracterizadas. Por exemplo, quando as hesitações aparecem na fala de alguém – hoje considerada uma estratégia cognitiva –, a mudança de tópico é logo utilizada para restabelecer o estado de fala contínua.

Associada à mudança de tópico está a tomada de turno, que, na conversação, procede de acordo com três regras, conforme descrito por Sacks *et alii* (1974: 704 *apud* Maynard, 1980). Em um dado lugar de transição do turno do falante, que ocorre na primeira possível conclusão de algum tipo de unidade, (a) o falante atual pode selecionar o próximo falante, (b) o próximo falante pode auto selecionar-se, ou (c) o falante atual pode continuar no papel assumido. Para Maynard, enquanto essas regras indicam os possíveis lugares para transição de turnos, os

² Os dados analisados por Maynard em seu artigo constituem-se de 22 conversações gravadas entre indivíduos recrutados no começo das aulas de sociologia, no campus universitário.

silêncios tendem a ocorrer quando o falante detentor da palavra pára e nenhum outro falante inicia uma fala.

Quando os silêncios ocorrem, eles costumam marcar diferentes tipos de eventos e atividades, como por exemplo, possibilitar o apagamento do foco atual da fala, facilitando a inserção de um novo tópico na conversação. A esse respeito, Jefferson (1973) destaca que há silêncios que são gerados por componentes de fala considerados problemáticos pelos receptores da mensagem. Ou seja, os silêncios podem ocorrer diante de termos errados e desconhecidos pelo ouvinte, que ficará na espera de um esclarecimento por parte do falante e, se este não feito, permanecerão como problemas.

Vista dessa forma, a mudança de tópico, nos termos de Maynard, caracteriza-se como um processo de descontinuidade tópica, que tem por função básica restaurar a fala contínua, no qual os silêncios e/ou pausas exercem um papel fundamental. É óbvio que antes de proceder à mudança de tópico, em razão da ocorrência de silêncios, o falante pode tentar restaurar a fala contínua por meio de declarações e informações sobre o tópico em desenvolvimento. Daí, se a medida não surtir efeito durante a interação, no sentido de envolver o ouvinte nas discussões correntes, a mudança será inevitável.

Segundo Maynard, a mudança de tópico pode ocorrer das seguintes formas:

- a) inserção de um tópico após esgotamento natural do tópico introduzido anteriormente, configurando um caso tipo de continuidade tópica;
- b) passagem gradativa de um foco de relevância a outro, realizada em função dos chamados tópicos de transição, que são aqueles segmentos de uma conversação que não se integram a um tópico específico na conversação, justamente por servirem de mediador entre dois tópicos. A transição observada nesses casos é a responsável por assegurar a continuidade intertópica, uma vez que incita o esvaziamento de um tópico e, conseqüentemente, o surgimento de um outro. Para Sacks (*apud* Maynard, 1980: 282), o tópico de transição, além de manter a fala em turnos, constitui um recurso de manutenção da conversação, cujo objetivo é evitar qualquer mudança brusca de tópico;
- c) inserção de um tópico, por abandono do anterior, antes mesmo de este ser finalizado pelos próprios interlocutores, que, feitas as devidas observações, pode estar atrelada à sobreposição de tópicos, evidenciada quando dois tópicos diferentes passam a conviver temporariamente, a partir de um dado momento.

Em seu texto, o autor menciona ainda os casos de conversas tópicas que são quebradas por conta do aparecimento de *estórias e/ou digressões* (utilizadas para situar as informações no contexto) – para usar um termo atualmente empregado nos trabalhos da área – e que, depois, são restauradas pela mudança de tópico. Segundo Maynard, essas mudanças ocorrem, seguindo alguns movimentos de tópico, que acontecem quando, na conversação, os interlocutores realizam a “transmissão” de um aspecto de um tópico para outro, a fim de ocasionar um conjunto diferente de entidades mencionadas. Tais movimentos podem ocorrer por meio de alguns processos, a saber: 1) usar formulações alternativas de um objeto para constituir linhas diferentes de falas tópicas; 2) falar de entidades que fazem parte de uma mesma classe; 3) expandir um elemento que, no tópico em desenvolvimento, era tido como marginal.

Vale lembrar que, para Maynard (1980), há diferenças entre mudança de tópico e desvio de tópico, como: *mudanças de tópico* “ocorrem quando se quebra a conexão com turnos

anteriores, introduzindo novos referentes e novos rumos na conversa” (p. 264), e aos *desvios de tópico* (topic shifts) “envolvem o movimento de aspectos entre tópicos, que apresentam características em comum com aqueles já mencionados” (p. 271).

Sempre acompanhado de exemplos, Maynard vai analisando todas as possíveis situações que, na sua opinião, podem levar à mudança de tópico com a finalidade de manter a continuidade da fala. Conforme o autor, é comum que a mudança de tópico seja realizada sob a forma de anúncios entre interlocutores e de convites, entre desconhecidos. Além desses casos, o autor tece ainda outras considerações sobre o assunto, especificamente quando se refere aos *itens tópicos detalhados e ausência de solicitações*³ (falta de participação e atenção do interlocutor), *aos desvios de tópico* (mudanças que pertencem a uma mesma classe), *à refocalização* (o aparecimento de problemas pode levar a alterações e/ou refocalizações na fala do orador), *à combinação de ausência de solicitações* (a falta de atenção do ouvinte pode provocar reformulações) e *às discordâncias* (que, se não aceitas, podem levar a mudanças de tópico).

Em vias de finalização, o que é importante frisar das colocações feitas por Maynard é que, de várias maneiras, os falantes podem provocar uma quebra na conversa tópica. Isto é, o que se quer dizer, como já foi mencionado, é que: a) estórias causam sempre segmentações na conversa contínua, b) expressões tópicas detalhadas ou desvios de tópico podem não gerar mais itens tópicos, c) refocalizações por parte do ouvinte podem desativar um tópico em curso, ou d) turnos de discordância podem resultar em auto-seleções de turno. Pode ser que, assim como a ausência de solicitações do ouvinte ou a não seleção de turnos depois de discordâncias explícitas em pares adjacentes, os silêncios sejam utilizados como recurso de mudança de tópico.

Várias implicações podem ser tiradas deste estudo. A primeira é a de que estudos sobre topicalidade em conversação não devem focar somente questões de conteúdo, mas também questões de estrutura. Isso não é novo, especialmente para Garfinkel (1967) que disse tempos atrás que o que as pessoas estão falando não pode ser distinguido do modo como elas estão falando. Sacks & outros, em vários trabalhos, estenderam essa noção e descreveram algumas das estruturas que organizam e produzem falas topicais.

Assim, para concluir, levar em consideração a estrutura tópica é extremamente importante para entender o fenômeno da mudança de tópico na conversação. Quando os falantes começam a enfrentar dificuldades para desenvolver alguma conversa, uma mudança de tópico pode, então, ser empregada para restabelecer a fala contínua, independentemente das circunstâncias que ocasionaram tal situação.

³ O exemplo abaixo, de Maynard (1980: 270), representa um caso de mudança de tópico que ocorre em função da falta de atenção do ouvinte. Assim, após um silêncio, George, na linha 10, muda o tópico da conversa, de atividades escolares para cidade de origem, a fim de dar continuidade à conversa. Vejamos:

1. George: há uma discussão:: uma pequena... há...você sabe...exames escritos e orais frequentemente...de vez em quando pelo menos

3.Laura: eh...eu gostaria de fazer algo como história da filosofia

4. George: [hum hum]

5.Laura: ou algo no qual eu tenha que fazer aquelas coisas...eu não penso assim, eu não sou da lógica. Eu nunca vou passo por passo.

7. (1.2)

8.Laura: eu sou realmente uma pessoa irracional (às vezes). Então

9. (1.4)

10. George: onde você mora? em Eye Vee? Ou

11. Laura: eh, eu moro em Tropicana